

## INFLUÊNCIAS FRANCESAS NOS PARTICIPANTES DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

### ENTREVISTA COM RUBENS BORBA DE MORAIS

Maria Alice de Oliveira Faria

1. Vamos começar pela gênese. Quando cheguei em São Paulo, nos fins de 1919, fui logo procurar o Mário, cuja família era muito amiga da minha. E assim reatamos amizade. Mário, naquela época, convivia com o Oswald e o Menotti, mas estava completamente por fora da literatura moderna francesa. Explica-se: no Brasil, naquela época, não havia ninguém — eu insisto nesse *ninguém* — que estivesse lendo a literatura moderníssima francesa. Uns, porque não gostavam de modernismos e outros porque havia dificuldade de documentação. As grandes livrarias de São Paulo e Rio (e havia ótimas), não tinham obra modernista. As revistas francesas que recebiam eram a *Revue des deux mondes* e o *Mercure de France*. Tinham até uma divulgação bastante grande no Brasil. Mas desconheciam completamente a *Nouvelle revue française* e outras revistas modernas. Eu trazia da França os meus livros. Eram todos de literatura ultramoderna e a coleção completa da *Nouvelle revue française* até aquela data, desde o número 1. Emprestei isso ao Mário. Foi lendo e se encontrando. Não quero dizer com isto que o tenha influenciado; eu simplesmente servi de veículo, de livreiro do Mário de Andrade. Já o Oswald era um homem que lia muito pouco. Ele só leu mesmo, metodicamente, no fim da vida. Durante toda a época modernista Oswald não lia nada, mas sabia de tudo. Quando a gente estava conversando sobre Cocteau, por exemplo, ele ouvia. No dia seguinte repetia tudo muito melhor do que a gente tinha dito. Oswald tinha uma cultura de ouvido absolutamente notável. Eu ficava assombrado quando encontrava Oswald em reuniões, com outras pessoas e ele começava a falar de Aragon, por exemplo, que não tinha lido. Falava admiravelmente dele, porque tinha ouvido a minha opinião, a opinião do Sérgio, a do Mário. Mário, não. Lia com o lápis na mão, tomava notas,

fazia fichas, estudava. O Sérgio Milliet estava a par de toda a literatura moderna francesa. Ambos servíamos de veículo. Aliás, Mário de Andrade, no seu livro *O Movimento Modernista*, diz a horas tantas: nesta altura chegaram da Europa o Rubens e o Sérgio bem informados, justamente referindo-se a esses fatos. Quando o grupo aumentou, com a adesão do Guilherme, do Tácito, do Couto de Barros, Manuel Bandeira, etc., já nos encontraram absolutamente a par do que acontecia. Quando fundamos *Klaxon*, já era um período de realizações. A parte de elaboração de literatura moderna, baseada nos franceses, estava feita por todos eles.

2. E o que se lia de literatura moderna francesa?

Lia-se sobretudo Aragon, Max Jacob, Cendrars, Cocteau, Apollinaire, etc. *Les Illuminations*, de Rimbaud, era meu livro de cabeceira, o Mário também se entusiasmou por ele. Eu tinha, aliás, a edição feita por Verlaine, que já era rara naquela época. Eu havia trazido também Verhaeren, de quem gostava muito, especialmente des *Villes tentaculaires*. Verhaeren teve uma influência grande em Luís Aranha, que foi, pode-se dizer, o Verhaeren brasileiro. O que publicou em *Klaxon* é visivelmente Verhaeren.

3. Liam Francis Carco e Paul Morand, por exemplo?

De Carco, líamos tudo o que tinha saído dele naquela época e de Paul Morand, nem se fala: *Ouvert la nuit, Fermé la nuit*. E também Charles Louis Philippe, que eu adorava e de quem tinha uma edição ilustrada.

P. — Estavam também a par das revistas modernas que se editavam na França?

4. Das revistas e dos livros. Eu tinha uma conta em Paris e mandava buscar tudo o que saía de novo. Mais tarde, o Mário de Andrade também começou a mandar buscar livros. O Sérgio Buarque de Holanda convenceu um livreiro do Rio de Janeiro, que recebia montes de *Mercure de France*, a importar a *Nouvelle revue française*, e ela começou a ser vendida. O dono da livraria era um homem inteligente, interessante, que gostaria de ter à venda literatura moderna, mas não sabia o que mandar vir. Ele encomendava Anatole France e Henri Bordeaux porque se vendia. O Sérgio dizia-lhe: mande buscar este livro de Aragon, quatro ou cinco volumes, que vende. E o livreiro foi se entusiasmando, o grupinho do Rio começou a comprar. Em São Paulo, mandávamos vir tudo. Lembro-me que encomendei a revista *Esprit nouveau*, de arquitetura, quan-

do vi anunciado o primeiro número. Quando ele chegou, o Mário ficou também entusiasmado e tomou assinatura.

P. — A sua formação francesa, adquirida nos estudos na Suíça, tinha relações diretas com os modernos franceses?

A minha geração de estudantes na Europa era uma geração muito avançada, foi uma geração de protesto. Estávamos todos na vanguarda não só em literatura mas também em política. Genebra, pelo fato de ser um centro que ficou fora da guerra de 14, atraiu muita gente. Era um lugar livre, onde se fazia e se escrevia o que se queria. E muitos autores vinham a Genebra fazer conferências. Por exemplo, René Arcos, que conheci lá. Ficamos amigos e ele me informou muita coisa sobre os movimentos literários de antes da guerra, o unanimismo e outros. Nós, estudantes, tínhamos todos idéias de renovação. O Sérgio Milliet fazia parte de um grupo de jovens poetas, que procurava novos caminhos. Publicou pequenos livros de poesia, ficou conhecido em Genebra.

P. — O senhor pode falar sobre a peça que publicou em francês, em Genebra?

R. — A peça que publiquei é uma coisa muito sem importância. Havia em Genebra uma tradição de grupos muito ativos de teatro de estudantes. Mas eles só representavam peças clássicas ou de “repertório”, como se dizia. Eu tinha um professor de filosofia, que era um homem muito interessante; era um dos discípulos de Bergson e achava que poderia me transformar em bergsoniano. Criticou esse teatro de estudantes que só representavam Molière ou então peças gregas. Aconselhou-nos a escrever uma peça. Meu amigo, Constant Bourquin, “literato-revolucionário”, tinha fundado uma revistinha, a *Revue des débuts*. Resolvemos escrever a peça em sociedade. Eu queria fazer uma coisa ultramoderna, mas o professor achou que os estudantes não topariam e de fato não aceitaram a ousadia. O professor sugeriu tomarmos como tema uma fábula muito representada na Idade Média, de origem provavelmente indu. A peça foi escrita. Fiz dois atos e Bourquin, dois. Foi representada e teve seu sucessozinho. Foi levada mais de uma vez, por ser uma coisa inédita em termos de teatro de estudante.

P. — Que cursos o senhor seguiu na Suíça? E Sérgio Milliet?

Eu fiz letras. O Sérgio Milliet foi sempre muito boêmio e abandonou logo os estudos regulares mas depois resolveu

entrar na Escola de Comércio, por influência da família, para aprender a ganhar dinheiro. Mas quando se diz “escola de comércio”, é preciso ver que naquele tempo, uma escola de comércio na Suíça era coisa muito puxada e seu ensino não era muito prático: história do comércio internacional, direito comercial e coisas desse gênero: influência humanística.

Eu fiz primeiro o colégio de Genebra, o famoso colégio fundado por Calvino e depois entrei na Faculdade de Letras. O ensino era todo tradicional, daí talvez a nossa reação. Lembro-me de aulas em que dormia: por exemplo, um curso sobre Boileau, que não acabava mais. O sistema universitário era aberto e podíamos seguir muita matéria que não era de letras: segui cursos com Claparède, segui cursos de Pitard, sobre antropologia, e um curso admirável sobre Nietsche.

P. — Havia muitos brasileiros estudantes em Genebra no tempo em que o senhor esteve lá?

R. — Não. Havia muitos brasileiros em Genebra, mas não estudavam. Os que estudavam faziam medicina, química, ou então preparavam a entrada para o “Technicum” de Zurich, a famosa escola de engenharia.

P. — O senhor começou a estudar em Genebra com que idade?

R. — Com dez anos. No Brasil a instrução era infame. Ou se estudava Direito ou Medicina, ou então Engenharia. Para um pai que morava no interior, saía quase o mesmo preço mandar o filho para a Europa ou pagar pensão em São Paulo. O câmbio era extremamente favorável. Meu pai me levou à Europa, para Paris, uma primeira vez. Fiz lá dois anos do primário. Quando voltei, ele me pôs no Colégio Macedo Soares, que, diziam, era o melhor de São Paulo. No fim de seis meses, ele veio me visitar e me fez passar um exame. Ficou horrorizado com minha ignorância. Resolveu me mandar estudar na Europa. Eu tinha um tio que morava em Genebra e fiquei sob seus cuidados. Muitos brasileiros iam para a Europa porque o ensino era muito melhor e saía quase pelo mesmo preço. Em São Paulo havia uma tradição de se estudar no estrangeiro já na era de 70 e 80, muitos paulistas foram estudar nos Estados Unidos, principalmente engenharia. Meu avô estudou em Cornell, meus tios andaram pela Suíça e Alemanha.

P. — Do grupo da revista *Klaxon*, quais os que foram também estudar na Europa, além do senhor e de Sérgio Milliet?

R. — Mais ninguém. Oswald de Andrade esteve na Europa em 1912, mas para fazer farra em Paris, onde conheceu os cabarés e as francezinhas, mas não viu nada. Ele mesmo dizia que essa viagem não contava.

P. — Qual a formação de sua geração?

R. — Essa geração européia de depois da guerra foi uma geração que renegou todo o passado. Não somente o passado literário e artístico, mas também uma geração que sofreu a influência da revolução russa. Fiquei como muitos colegas absolutamente entusiasmado com a tomada do poder por Lenine. O número de estudantes russos e de militantes políticos era muito elevado, em Genebra. Trotski e Lenine moraram lá e deixaram naturalmente uma marca nos estudantes. Estávamos perfeitamente a par não só das doutrinas mas também dos movimentos socialistas da época. Quando vim para o Brasil, trouxe aquela cultura e fiquei assombrado com a mocidade brasileira, sobretudo com meus amigos de *Klaxon* (quase todos eles tinham passado pela Faculdade de Direito), não somente pela ignorância política deles mas também pelo seu alheamento. Não só não estavam a par do que estava se passando em política na Europa, mas ainda não se interessavam, achando que o bolchevismo era uma bobagem que não duraria. Eu, naquele tempo, assinava o jornal de Barbusse. Recebi influência enorme dele. Transferi a assinatura da revista para São Paulo e continuei a pensar como Barbusse, e “meu mestre” Romain Rolland, que tinha conhecido pessoalmente em Genebra. O grupo modernista só ficou conscientizado politicamente em 1924, quando houve a “revolução do Isidoro”. Verificamos só então que havia qualquer coisa de errado neste país. Ficamos politizados, brasileiroamente falando. Acabamos fundando o Partido Democrático.

P. — No número de *Klaxon*, dedicado a Graça Aranha, há um artigo seu “A Crítica Francesa e Graça Aranha”. Os críticos franceses citados ali eram conhecidos no Brasil?

R. — Henri de Régnier era muito lido e Camille Mauclair também.

P. — As referências citadas dos críticos franceses são bastante elogiosas para Graça Aranha. Quando ele estava na França, que geração intelectual freqüentava?

R. — Graça Aranha estava numa posição muito particular em Paris. Era o Ministro Plenipotenciário do Brasil. Naquele tempo não tínhamos embaixada na França. Era muito bem

recebido em toda a parte, e naturalmente convidava e freqüentava Francis de Miomandre, Henri de Régnier e todos esses homens da Académie Française. Pelas facilidades que todo diplomata tem, escreveu uma peça de teatro e o Itamarati subvencionou a representação em Paris a título de propaganda. Mas não teve sucesso popular nenhum. Teve um sucesso de crítica porque nenhum crítico iria xingar o chefe da missão diplomática aliada em tempo de guerra.

P. — E Como Graça Aranha acomodava essa amizade com elementos da Academia Francesa e o movimento moderno?

R. — Porque G. Aranha não era moderno. Era um homem que tinha uma ânsia tremenda de liderança. Queria ser o líder da mocidade brasileira. Fazia-nos pregações de sua filosofia vazia. Nós dávamos grossas gargalhadas. Mas era um homem que tinha uma personalidade extraordinária. Era de uma cortesia, uma amabilidade, um encanto pessoal e por isso, não se sabia como lhe dizer não. Era um homem que ditava um artigo elogioso sobre ele para a gente, e não se tinha jeito de negar pôr o nome embaixo, como esse meu artigo da revista *Klaxon*. Ele quis ser nosso chefe, mas nós não embarcamos nessa canoa. No Rio, alguns embarcaram: o Facó e outros. Nós o respeitávamos e gostávamos dele como homem, como personalidade, mas não como escritor.

P. — O senhor acha que o grupo do Rio tinha mais contato com a França do que o grupo de São Paulo?

R. — Não, absolutamente não. O Grupo do Rio era muito pouco moderno. Era um grupo simbolista, com Ronald de Carvalho, Facó, Onestaldo de Penaforte e outros. Quando cheguei aqui, a última novidade literária era o simbolismo. Henri de Régnier e Paul Fort eram muito lidos. Eram esses dos poucos autores modernos sobre quem se podia conversar com um intelectual brasileiro. Eu me lembro, por exemplo, de uma frase de Ronald de Carvalho, na primeira conversa que tive com ele: “Acho que vocês estão exagerando. Eu admito o verso livre. Acho que é uma conquista, mas além do verso livre, eu não vou. Isso não!” Essa frase define a mentalidade dos modernistas do Rio.

P. — E o que eles achavam do dadaísmo?

R. — No Rio, nem sabiam o que era, ou achavam que era piada. Em São Paulo, o dadaísmo nunca nos influenciou, nós nunca aderimos a ele. Conhecíamos os livros dadaístas, mas não as folhas volantes, que não chegavam aqui. Respeitá-

vamos e discutíamos o dadaísmo, queríamos ver até onde chegaria, o que se poderia tirar dele, etc. Ficamos conhecendo-o melhor muito mais tarde, quando Benjamin Perret apareceu por aqui.

P. — A atitude da Semana de Arte Moderna, de criar escândalo, teve alguma influência dadaísta?

R. — Não, absolutamente. Não houve influência dadaísta nem futurista. Conhecíamos mal o futurismo. Vim a ler Marinetti quando veio ao Brasil. Quem o conhecia melhor eram Menotti del Picchia e Mário de Andrade.

P. — Os modernistas tinham oportunidade de ver pinturas modernas?

R. — Não tinham até uma certa época. Viam em revistas. Mas, depois de *Klaxon*, Paulo Prado, D. Olívia, começaram a comprar quadros modernos. Tarsila esteve na Europa e trouxe muitos. D. Olívia comprou esculturas de Brancusi. O Sérgio, o Mário, eu, nos interessávamos muito por pintura e estávamos bem informados. O cubismo me impressionava muito. Tinha-os visto na Europa e achava uma coisa extremamente importante. Até hoje gosto dos cubistas. Para mim, um dos grandes pintores modernos é Juan Gris. A teoria cubista nos apaixonava.

P. — No seu livro *Domingo dos Séculos*, o senhor escreveu: “A frase moderna, desarticulada, maleável, salta por cima das barreiras da sintaxe. A pontuação tinha tomado ares de dogmatismo irrefutável. Perante tal impertinência alguns modernos suprimiram-na.” Estas idéias baseavam-se no estilo de que escritores?

R. — Elas se baseavam nos poetas franceses modernos e nos que continuaram sobretudo depois da guerra. Havia uma coisa que chocava extraordinariamente o burguês brasileiro: era o português que nós empregávamos, nossa maneira de escrever. O que irritava era escrevermos como se fala e por isso, Mário de Andrade começou a escrever “me dá” etc. Quando cheguei ao Brasil, sabia muito pouco de português. Falava correntemente, mas fazia muito erro de gramática. Fui aprender português com Marques da Cruz, que ficava horrorizado com os erros que eu fazia, escrevendo, principalmente os erros de crase. Naquela época havia até polêmicas nos jornais por causa da crase.

P. — Com a revista *La criée*, de Marselha, chegou ao grupo de *Klaxon*?

R. — Por intermédio de Sérgio Milliet, que se dava com muitos poetas menores de Genebra e era muito amigo de Ivan Goll. Ele mandava para a gente essas revistinhas: de Marselha, de Bruxelas, que nós trocávamos por *Klaxon*.

P. — Quais os livros franceses da época que o senhor acha que marcaram o grupo?

R. — Quando um livro chegava, fazia circuito por todos nós. Não me lembro de livros que tenham marcado muito. Um dos autores, que nos impressionou profundamente, foi Proust. Apareceu quando eu estava no colégio em Genebra, e fiquei absolutamente fascinado por ele. Tomei uma assinatura da N.R.F. para que me fosse mandada a obra à medida que fosse saindo. Logo passava o livro para os outros. Todos tinham a maior admiração por Proust, por Cocteau, etc.

P. — E André Gide?

R. — Li todo Gide, inclusive aqueles pequenos trabalhos publicados em brochura, que eu procurava na Europa como bibliófilo. Lembro-me que até no Havre, ao embarcar para o Brasil, encontrei uma daquelas brochurinhas. No Brasil, nós todos líamos Gide. O que nos entusiasmava nele era a sua reação contra a moral tradicional. Líamos os livros logo que saíam na Europa: *La symphonie pastorale*, e *Les faux-monnayeurs*, nem se fala! Eu tinha assinatura da N.R.F., que me mandava a primeira edição de tudo que publicava.

P. — E Jules Romains era conhecido?

R. — Os livros de Jules Romains eram muito conhecidos e líamos tudo dele. Eu me lembro que quando conheci pessoalmente Jules Romains, em 1950, ainda lhe falei do meu encanto, do meu entusiasmo de quando lia os livros dele na era de vinte.

P. — E *Les Thibauts*?

R. — Foi um livro muito discutido mas não agradou a todo mundo. Mário de Andrade fazia críticas. Eu também não o apreciava muito mas dizia ao Mário que ele não gostava porque não conhecia bem a França, as famílias francesas.

P. — O senhor poderia falar sobre o surrealismo e André Breton?

R. — Quando apareceu o surrealismo, ficamos bem informados sobre o movimento, mas tenho a impressão que naquela época não nos entusiasmou. Só mais tarde, quando Breton virou clássico é que nós o achamos importante. Eu me lembro do meu entusiasmo por Philippe Soupault, de quem Mário

gostava muito também, além de Paul Eluard. De Breton, nem tanto.

P. — O senhor dominava o francês completamente. E qual era o conhecimento da língua francesa entre os modernistas?

R. — Eu escrevia melhor o francês que o português. Tanto que as primeiras coisas que escrevi em *Klaxon*, o Mário as corrigia e houve até coisas que escrevi em francês e o Mário traduziu. Naquela época, não havia brasileiro alfabetizado que não lesse o francês. Falar o francês, toda a gente o falava mais ou menos. Não se tem idéia hoje de como o francês era divulgado no Brasil. Até garçon de café falava francês. Os manuais de escola eram franceses. Na Escola de Medicina estudava-se na anatomia de Testut. Na Politécnica e na Faculdade de Direito, os livros eram também franceses. O inglês, sim, era pouco lido. Do nosso grupo, quem sabia bem o inglês era o Couto de Barros. Eu e Mário líamos o que dava para entender. Mário lia alemão sem dificuldade.